

**NÃO VOS CONFORMEIS COM ESTE SÉCULO:  
UM ESTUDO DAS INFLUÊNCIAS NEGATIVAS DA PÓS-  
MODERNIDADE SOBRE A IGREJA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI**

Rafael Prezença Sueth\*

**RESUMO**

Este presente artigo tem como objetivo refletir a partir do viés sociológico, filosófico e religioso de pós-modernidade, todas as mudanças sociais que este conceito pode ser aplicado. O tema proposto é um convite para a reflexão das transformações e rupturas ao longo dos séculos que tem atingido toda a sociedade. Nossa pesquisa terá como ênfase este início do Século XXI, onde provavelmente se tornou mais evidente o conceito pós-moderno. Baseado em leituras bibliográficas de autores nas áreas sociológicas, filosóficas e teológicas sobre o tema vamos abordar de forma geral e específica quais os problemas que este conceito de pós-modernidade pode influenciar negativamente a Igreja Brasileira. As hipóteses levantadas têm como intenção levar os leitores a pensar de que forma a Igreja deve continuar atenta a não se conformar com os padrões deste século. Portanto, acreditamos que o tema seja relevante para os dias atuais, devido a urgência dos acontecimentos, das transformações e rupturas, do avanço do Relativismo de nosso tempo, se faz necessário um convite para nos manter fiéis aquilo que temos aprendido nas Escrituras e apegando firmemente às tradições.

**Palavras-chave:** Pós Modernidade. Igreja Brasileira. Século XXI**INTRODUÇÃO**

Primeiro precisamos entender o que é a pós-modernidade nas perspectivas filosófica, sociológica e religiosa deste século. O termo Pós-Moderno é usado tanto em sentido pejorativo como virtuoso. Nossa intenção não é discutir os dois significados que podem ser diferenciados de acordo com o ponto de vista pessoal. Queremos apresentar algumas considerações sobre o conceito de Pós-Modernidade de acordo com cada uma das perspectivas mencionadas – filosófica, sociológica e religiosa – que caracteriza uma época onde visíveis mudanças estão ocorrendo em várias esferas da sociedade, como política, economia, arte, ciência, educação, religião e relações humanas em geral.

Após esta análise iremos pontuar os aspectos negativos da pós-modernidade e as razões para a inconformação da igreja brasileira deste século, por exemplo, conceitos como relativismo, egocentrismo, hedonismo, consumismo, pragmatismo, sincretismo entre outros.

E finalmente vamos alertar os cuidados para uma possível conformidade com este tempo, levando a igreja rejeitar pontos fundamentais e princípios das Escrituras de acordo com as influencias da pós-modernidade, deixando se levar pelo pensamento deste tempo e rejeitando valores e fundamentos inegociáveis.

---

\* Graduado em Teologia, Licenciado em História e especialista em História pelo Centro de Ensino Superior Fabra.  
E-mail:rafael.prezenca@hotmail.com.

## 1. PÓS-MODERNIDADE: DETERMINANDO O QUE É ESTE SÉCULO

Neste capítulo iremos determinar o que é a pós-modernidade nas perspectivas filosófica, sociológica e religiosa deste século.

Segundo John Benton (2002, p.30), o conceito de “moderno” é uma referência à idade moderna e suas ideias que foram marcadas por movimentos Iluministas nos séculos XVII e XVIII na Europa, e vários outros movimentos que foram surgindo até o final do século XX, onde a razão levou o ser humano a não crer mais no sobrenatural, mas que baseado nesta racionalidade, ele seria o senhor da sua própria vida, o “deus da religião” estava sendo destronado e o homem, então, dotado de sua razão, seria o centro de todas as coisas. Essa *era* da razão, da descoberta científica e autonomia humana leva o nome de Iluminismo (cf. Edward, 1999, p.26).

O pós-modernismo rejeita o fundamentalismo, tudo que é absoluto, tudo que é verdade. Vamos analisar a pós-modernidade com estes conceitos filosóficos com sua desconstrução da linguagem, os sociólogos com sua diversidade das coisas, fragmentação e liquidez nas relações sociais e por último a religiosidade em meio isso tudo sendo confrontada por aquilo que mais defende com sua “verdade absoluta”, objetiva, sólida e tendo como centro o Deus Uno. Vamos analisar o que este *século* reserva para nossa sociedade.

Para alguns filósofos, o termo não é um consenso, sendo assim analisado de formas diferentes, de acordo com a visão de cada um. Entre eles, vamos citar alguns autores que buscam definições e refletem sobre esta era. Gilles Lipovetsky analisa este *século* como hipermoderno, isto é, um exagero das características da modernidade, caracterizando o termo “*hiper*”. Em suas obras, ele denomina este tempo como era do vazio, do efêmero, o narcisismo, o eclético, a libertinagem, o hedonismo, a diversidade. Em seu livro “A era do vazio”, Lipovetsky afirma:

Quanto mais a sociedade se humaniza, mais o sentimento do anonimato se estende; quanto mais a indulgência e tolerância, mais aumenta a falta de segurança do indivíduo em relação a si próprio; quanto mais se prolonga o tempo de vida, mais medo se tem de envelhecer; quanto menos se trabalha, menos se quer trabalhar; quanto mais os costumes se liberalizam, mais avança a impressão de vazio; quanto mais a comunicação e o diálogo se institucionalizam, mais sós se sentem os indivíduos, e com maiores dificuldades de contato; quanto mais cresce o bem-estar, mais a depressão triunfa (LIPOVETSKY, 1988, p.79)

Lipovetsky, nessa citação, chama atenção para o sentimento das pessoas, dificuldades de contato, impressão de vazio, pouco diálogo, solidão e depressão caracterizam esta era, *um vazio na alma*. Ele ainda fala sobre essa sociedade hipermoderna:

A igualdade sai da fase moderna e uniforme e recicla-se de acordo com a era pós-moderna da diversificação e personalização dos modos de redistribuição, da coexistência dos sistemas de seguros individuais e dos sistemas de proteção social no momento em que

justamente a procura de liberdade é superior à de igualdade. Crítica do caráter gratuito dos serviços, denúncia dos monopólios públicos, apelo à desregulamentação e à privatização dos serviços, tudo isto caminha no sentido da tendência pós-moderna para privilegiar a liberdade relativamente ao igualitarismo uniforme, mas também para responsabilizar mais o indivíduo e as empresas obrigando-os a mais mobilidade, inovação, escolhas, menos relação vertical e paternalista entre o Estado e a sociedade, menos regime único, mais iniciativa, diversidade e responsabilidade na sociedade e nos indivíduos, e as novas políticas sociais, a mais breve ou mais longo prazo, terão que continuar a mesma obra de abertura que o consumo de massa pôs em movimento” (LIPOVETSKY, p.83)

Outro autor relevante em relação a esse tema é o filósofo Jean-François Lyotard. Em sua obra “*O pós-moderno*”, Lyotard basicamente compreende que a pós-modernidade se constitui numa ruptura radical com as grandes metanarrativas, algo que ele propõe nos seguintes termos:

Considera-se “pós-moderna,” a incredulidade em relação aos metarrelatos. E, sem dúvida um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia (LYOTARD, 1991, p. 16)

Para ele há uma perda da legitimidade desde as sociedades pré-modernas e as modernas. Enquanto a primeira se baseava nas narrativas religiosas, a segunda buscava a sua legitimação através da razão. Já a pós-modernidade propõe essa ruptura com os sistemas fechados, propondo uma multiplicidade de ideias, “um processo de libertação do uno” que foi substituído pela pluralidade. Para Lyotard, a pós-modernidade é o estado da cultura depois das grandes transformações do fim do século XIX, na ciência, na literatura e nas artes, tendo como eixo a crise dos grandes relatos que legitimam a ciência na modernidade. Para Lyotard, segundo Araújo (2003, p.22-23), a pós-modernidade abandona esta forma de pensar, com a ideia de um sistema fechado, implicando uma mudança de sentido e da multiplicidade em vez da singularidade nos jogos de linguagem.

Alguns pensadores consideram filosoficamente o que ocorre em nossos dias uma “*destranscendentalização*” do pensar, tendo uma tendência clara o ceticismo, diz Kuhlmann, (Ibid., p.23).

Para Araújo (2003, p.49), surge a ideia da desconstrução e diferença, sugerida por Jacques Derrida, o pensamento pós-moderno não se limita a desconstruir a tradição, mas outros tipos de pensamentos, desconstrução para Derrida significa derrubar muros não para destruir, mas para reconstruir, o pensamento da diferença como uma outra concepção de sentido das coisas. Derrida se mostra como um filósofo que procurou se afastar de uma verdade primeira e última ou de um tipo de filosofia fundamentalista. Sendo assim existe uma nova forma de razão, com características de pluralidade e transversalidade, que não se dirige mais para uma unidade última, mas se revela com uma multiplicidade concreta.

Em uma visão sociológica, segundo Benedetti (2003, p.53) a “pós-modernidade é um termo ambíguo, que constitui sua marca principal: indefinível,

fluído, inconstante. A tentativa de se definir já seria uma atitude que contraria seu significado”.

Neste sentido, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, caracteriza esta era pós-moderna adjetivando-a como “*líquida*”. O amor é líquido, os relacionamentos são líquidos, a sociedade está se liquefazendo, no sentido de que tudo o que era absoluto, se torna líquido ou relativizado. Segundo Bauman, em seu livro sobre o “mal-estar da pós modernidade”, o homem pós-moderno trocou a segurança pela busca da felicidade. Ele lida com este paradoxo, de que se você está com a sensação de segurança, ao mesmo tempo você não é livre, e se você é livre não está totalmente seguro. Os homens e mulheres pós-modernos, estão dispostos a trocar sua segurança pela felicidade. Não há uma teoria que a defina, o que podemos dizer é que seria uma recusa das teorias globais, prontas e definitivas sobre a sociedade. (Cf. BAUMAN 1998, p.10).

A discussão sobre a Pós-modernidade ser uma ruptura com a modernidade existe, alguns buscam o significado do “*pós*”, outros entendem como uma continuidade ou projeto inacabado da modernidade, mas a peculiaridade deste tempo mostra uma recusa a sociedade e história como metanarrativas, com isso o que é efêmero e momentâneo tornam-se um fim em si mesmo, não aprisionando a vida humana numa finalidade (BENEDETTI, 2003, p.61).

O termo Pós modernidade toma um ar intelectual com o filósofo François Lyotard, deixando de ser abrangente e impreciso, para se tornar objeto de estudo, quando publicou em 1977 “*A condição Pós-moderna*”. Benedetti diz que a obra de Lyotard se tornou uma espécie de manifesto em favor do relativismo “vulgar” como marca do pós-modernismo, sua obra é uma teorização sobre o pluralismo epistemológico das ciências naturais. (Ibid., p.56).

O provisório, o efêmero, o fútil e o temporário são mais expressivos que o eterno, o imutável, o integrado na pós-modernidade. A mistura é melhor que a pureza. Uma nova forma de sociabilidade que foi desdenhada pela modernidade: os fragmentos, o diversificado, o líquido (Ibid., p.69). Segundo Hassan, citado por Benedetti (Ibid., p.70) nada temos para fundamentar nosso discurso, matamos nossos deuses, Deus, rei, pai, Razão, história, Humanismo, todos vieram e desapareceram, mas ainda permanecemos escravos da vontade, do desejo, da esperança e da crença.

Por outro lado, o sociólogo Anthony Giddens acrescenta a seguinte ideia de pós-modernidade:

Ao que se refere comumente a pós-modernidade? Afora o sentido geral de se estar vivendo um período de nítida disparidade do passado, o termo com frequência tem um ou mais dos seguintes significados: descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológicas e talvez de novos

movimentos sociais em geral. Dificilmente alguém hoje em dia parece identificar a pós-modernidade com o que ela tão amplamente já chegou a significar — a substituição do capitalismo pelo socialismo (GIDDENS, 1991, p.45-46)

Segundo Edward (1999, p.138), nossa sociedade também está fragmentada, é uma característica desta era, com centenas de subculturas, seitas e grupos com projetos próprios, cada um com sua linguagem e estilo de vida próprios, essas mudanças sociais, junto ao desenvolvimento tecnológico e ideologia pós-moderna vem levando a sociedade a se identificar em subculturas. Esta segmentação da sociedade acaba gerando uma “*guerra de culturas*”, onde cada grupo busca seus próprios interesses, e pela falta de uma filosofia comum e linguagem comum, não se chega a concessões e acordos mútuos, mas gera uma busca pelo poder um sobre o outro. Diversidade, segmentação, divisão e polarização são as marcas dessa sociedade pós-moderna (Ibid., p.141).

O multiculturalismo intensifica a segmentação da sociedade, nos meios acadêmicos dando foco no pluralismo gerando entre os pós modernistas a diversidade como algo bom e necessário, sendo uma crítica a todo e qualquer tipo de afirmação absoluta ou princípios universais, o que segundo eles causa racismo, imperialismo, sexismo, homofobia e todos outros males. Hoje as instituições acadêmicas, escolas públicas, mídia e os criadores de políticas em todos os níveis estão “desconstruindo” este conceito de uma cultura unitária, na tentativa de estabelecer essa multicultura (Ibid., p.142-143). Edward (Ibid., p.152) cita algumas implicações da política pós-moderna, as quais são:

- a. Construtivismo social, onde significado, moralidade e verdade não existem objetivamente.
- b. Determinismo cultural, os indivíduos são moldados por forças culturais.
- c. Rejeição da identidade individual, as pessoas existem como membros de grupos e a identidade é coletiva.
- d. Rejeição do humanismo, não existe humanidade universal e cada cultura constitui sua própria realidade.
- e. Negação do transcendente;, não existem absolutos.
- f. Reduccionismo do poder, todas as instituições, valores morais e criações humanas são expressões da sede pelo poder primordial.
- g. Rejeição da razão, a razão e o impulso para objetivar a verdade são máscaras para o poder cultural.
- h. Crítica revolucionária da ordem existente, a sociedade moderna com seu racionalismo, visão unitária da verdade precisa dar lugar a uma nova ordem mundial e a segmentação da sociedade permitirá um verdadeiro pluralismo cultural.

E como se encontra a religião neste século em meio a toda esta fragmentação e diversidade que temos considerado? Segundo Pablo Barrera (2003, p.437-438), a pós-modernidade nos mostra a fragmentação do sagrado e a crise nas tradições, se tornando grande o desafio para o estudo da religião, que se encontra em constante mutação. Para ele em nossa sociedade contemporânea não há mais campo religioso estável, compromissos de longa duração deixaram de ser norma. Há uma diversidade de opções religiosas e múltiplos produtos são oferecidos diariamente nos templos e meios de comunicação, onde religião exclusiva se tornou coisa do passado.

Para Barrera (Ibid, p.438), o sagrado se apresenta como “multiforme, pouco homogêneo e em constante movimento”. Salienta que, a partir da Revolução Industrial e avanço da ciência, os fenômenos religiosos na sociedade contemporânea ganham o adjetivo de “moderna”, se diferenciando da sociedade tradicional e antiga, que dependia da religião para formular qualquer explicação de mundo. Por isso surgem na sociedade contemporânea termos como “modernidade e pós-modernidade” para analisar este fenômeno.

Esse avanço industrial, a partir do século XIX, e a ruptura da sociedade tradicional estão ligados ao desenvolvimento do capitalismo e, no começo do século XX, é caracterizada pela racionalização econômica e administrativa da sociedade. Questões comuns se originam desta época como as mudanças na percepção de tempo e espaço, multiplicidade da identidade, crise das tradições, fragilidade da memória coletiva e superposição entre o real e o virtual. Todas essas mudanças trouxeram modificações no campo religioso (Ibid., p.439).

Os pós-modernistas lançaram fora a verdade absoluta, e vemos o surgimento de múltiplas religiões, sincretismo e caos moral. Hoje a religião não é vista como conjunto de crenças sobre o que é real ou não, mas como uma preferência ou opção, daquilo que gostamos ou cremos e critérios estéticos substituem critérios racionais (Edward, 1999, p.187). Enquanto o modernismo buscou se livrar da religião o pós-modernismo gerou mais religiões, mas sem os constrangimentos da objetividade, da tradição, da razão ou moralidade, atraindo elementos de várias culturas primitivas e antigas.

As religiões pós-modernas têm em comum a ideia de que o “*eu é divino*”, que “você é Deus” e autor da própria história. Descontroem toda verdade absoluta de um único Deus, dissolvendo toda afirmação positiva e exclusiva e todo argumento racional (Ibid., p.193).

Zygmunt Bauman (1998, p.205-230), em seu livro “*Mal-estar da Pós-modernidade*”, fala sobre religião nesta era, em resumo ele diz que o homem pós-moderno que antes se preocupava com questões sobre “céu e inferno” sobre vida eterna após a morte, sobre uma vida ascética e que não desfruta os prazeres deste mundo, abandona este conceito, que ele chama de “fundamentalismo religioso”. Ele ainda diz que os “pregadores ou aconselhadores” são uma forma de

autoridades para aconselhar e autodisciplinar seus “clientes consumidores”. Segundo Bauman, essa forma de fundamentalismo, tem como objetivo privar o homem de sua autoconfiança, auto realização, livrando esses homens da “cura e domesticação”, ou da salvação proposta por uma vida que se separa dos anseios e ofertas pós-modernas, da busca pela felicidade e não privação do prazer, do viver o “aqui e agora”. Para ele a religião é uma forma de privar os homens a viver a vida, da mesma forma que os fundamentalistas se aproveitam e tornam seus membros como consumidores de seus conselhos infalíveis e promessas de vida eterna e vida disciplinada.

Para concluir esta análise sobre a religião neste século, Barrera (2003, p.463) diz que os estudos da religião contemporânea caminham em direção a novas reconstruções, dos seus sistemas de crenças e autoridade e de suas tradições. A tradição dá lugar as exigências e eficácias dos cultos, controlar os anseios de seus “clientes”, como uma busca por serviços que atendam suas necessidades, esta era, resume ele., é de “*itinerância e infidelidade*”, onde conceitos como conversão, identidade, legitimidade, fidelidade e poder religioso exigem compreensão bem mais dinâmicas nesta era.

## 2. OS ASPECTOS NEGATIVOS DA PÓS-MODERNIDADE: RAZÕES PARA INCONFORMAÇÃO

Quando Zygmunt Bauman escreve em sua obra “*O mal-estar da pós-modernidade*” a respeito desta transição da modernidade para a pós-modernidade, ele fez uma releitura de Freud, em *O mal-estar na civilização*, onde Bauman (1998, p.8) afirmou que “*o homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança*”. Mas partindo da análise de Bauman, essa afirmativa é válida para o contexto de modernidade, pois quando Freud usa do termo *civilização*, está apontando para a era que está inserida.

Para Bauman, essa afirmação sofre certa alteração de ordem quando passa a ser vista pelo prisma pós-moderno, quando a questão de perda e ganho mudam de lugar, afirma que “os homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade”. Com isso podemos perceber que existe uma “*ruptura*” entre essas eras chamadas “moderna” e “*pós-moderna*”, e isso atinge o objetivo da sociedade inserida nestas eras trazendo alguns “mal-estares” como é identificado por Bauman (1997, p.10):

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava a liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

Aparenta ser um certo desencantamento da perspectiva de vida que o homem moderno tinha do futuro e de sua busca positivista em sociedade, mas infelizmente como a história nos aponta foi que essa perspectiva foi desconstruída por um contexto de guerras de interesses individualizados, mostrando que o tão esperado futuro feliz não iria acontecer devido ao Ego que começou a ficar em evidência. Por este motivo que estamos levantando esses pontos característicos da Pós-Modernidade como algo que fica mais em evidência, e não que em outras Eras essas características não existiam.

Entre os principais conceitos e características de pós-modernidade, pontuamos alguns fatores importantes que se sobressaem na atualidade, e como já foi lembrado anteriormente esses fatores são chamados de “ismos”, sendo conhecidos assim por influenciarem de maneira expressiva e negativa o comportamento da sociedade pós-moderna. E esses fatores são: Egoísmo, Relativismo, Pluralismo, Pragmatismo e Consumismo.

### **2.1. EGOÍSMO OU EGOCENTRISMO**

A sociedade pós-moderna vive uma busca incessante pela felicidade a qualquer custo, com isso características egoístas se afloram, onde o importante é a satisfação do “eu”, que leva a pensar menos no outro e mais com aquilo que trará benefícios pessoais. O culto ao “eu”, não importa o que pensem, não importa se fere outro, desde que a atitude, a forma de pensar ou agir agrade ao indivíduo. O vazio existencial impera em muitas pessoas, e para inflamar ou satisfazer o seu próprio ego, as ferramentas mais populares hoje são as redes sócias, a superexposição do ego, a ostentação da vida particular, as “selfies” cada vez mais na moda, o desejo de ser curtido, aplaudido, notado, seguido pelas redes, tem levado cada vez mais de forma intensificada, as pessoas a buscar satisfazer o seu ego, o seu vazio interior, com coisas banais.

Por natureza, o egoísmo é ilimitado: o homem quer conservar a sua existência utilizando qualquer meio ao seu alcance, quer ficar totalmente livre das dores que também incluem a falta e a privação, quer a maior quantidade possível de bem-estar e todo o prazer de que for capaz, e chega até mesmo a tentar desenvolver em si mesmo, quando possível, novas capacidades de deleite. Tudo o que se opõe ao ímpeto do seu egoísmo provoca o seu mau humor, a sua ira e o seu ódio: ele tentará aniquilá-lo como a um inimigo. Quer possivelmente desfrutar de tudo e possuir tudo; mas, como isso é impossível, quer, pelo menos, dominar tudo: "Tudo para mim e nada para os outros" é o seu lema. O egoísmo é gigantesco: ele rege o mundo. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 51)

### **2.2. RELATIVISMO**



Outra característica é o Relativismo, onde as certezas se diluem e não se tem mais um interesse em responder questões existenciais, certo ou errado, verdade ou mentira, e ninguém sabe para onde estamos indo. O pós-modernismo rejeita o fundamentalismo e as metanarrativas. Pelo contrário, busca destruir os fundamentos e não colocar nada no lugar deles. Agora tudo depende do ponto de vista de cada um como vez as coisas, cada qual busca a sua verdade. Uma palavra que tem ganhado força é a “desconstrução” que faz parte do pensamento de Jacques Derrida e outros pensadores, como a crítica de tudo, dos textos, das linguagens, criando uma concepção cética sobre tudo, buscando desconstruir a verdade.

Surge até um novo conceito de acordo com David Harvey que se chama “*desconstrucionismo*” onde aponta ser um poderoso estímulo para os modos de pensar pós-modernos, que faz com que seja desconstruída toda a ideia que se levantou como verdade até hoje, dando liberdade na maneira de pensar de modo que cada desconstrói e constrói aquilo que acha ser a sua verdade sobre qualquer tipo de assunto. Portanto, isso nos mostra como que o relativismo, na era pós-moderna, pode ser algo a ser considerado como negativo. Pois através de toda essa ideia não se tem mais a noção do que seja verdadeiro ou falso, errado ou certo, bom ou ruim. Cada um pode fazer o que bem entende com apenas um apontamento, ou seja, pode ser criado qualquer tipo de conceitos sem se preocupar se está certo ou errado, mas basta concluir dizendo que tudo é relativo.

### 2.3. PLURALISMO

O Pluralismo dá lugar à multiplicidade de pensamentos, ideologias, religiões. Neste mundo plural onde nada mais é absoluto e tudo é relativo, fica difícil se ter uma definição das coisas, gerando um ar de incertezas e dúvidas. Com o pluralismo cresce a luta das chamadas minorias, cada uma buscando seu espaço e voz na sociedade, não que isto seja negativo, mas no sentido de que não é mais um bem em comum, não há mais características de comunidade, mas de pluralidade. Hoje intensificou as discussões sobre feminismo, homossexualidade, grupos raciais, sindicalismos, partidos. A pluralidade de pensamentos e ideias. O pós-modernismo fala sobre tolerância e pluralidade, mas se contradiz quando exclui as crenças e não tolera nenhuma outra coisa.

Mas a pluralidade ganha destaque na religião, pois neste cenário cada qual tem à sua maneira de olhar para o Sagrado e/ou Divino.

Vemos que o grande problema do pluralismo em relação à religião são justamente esses novos movimentos que estão surgindo, pois com uma bandeira de “posso qualquer coisa” estão inventando religiões conveniente com aquilo que gostam, independente se estão certos ou errados. E isso acaba fazendo com que as

religiões já não surjam a partir de dogmas ou crenças, mas a partir de ideais ou simplesmente por aquilo que for conveniente para os adeptos.

#### 2.4. PRAGMATISMO

Está preocupado com aquilo que dá certo, independentemente de como isso aconteça, seja lícito ou não, o importante é dar certo, ser feliz, onde o objetivo é pensar no hoje, o “aqui e agora”, onde o amanhã não se deve preocupar. A preocupação é com aquilo que funciona “para mim”. “Por exemplo, hoje um jovem que faz qualquer coisa para obter fama e sucesso na internet, mesmo que o que esteja postando seja algo que fere outra pessoa, aquilo ‘funciona’ para ele atingir o seu objetivo, que é ganhar curtidas ou “likes” como eles dizem. Outro exemplo, não que nunca existisse corrupção, mas hoje está cada vez mais latente na sociedade, a propina, o jogo de interesse, é o que dá certo para uma carreira bem-sucedida ou para uma obra ou empresa atingir seus objetivos. Cada vez mais as pessoas estão se segmentando em grupos ou comunidades diferentes, onde alguns se entendem outros não.

#### 2.5. CONSUMISMO

O consumismo é outra grande e talvez uma das maiores marcas da Pós-Modernidade. O homem pós-moderno vive em uma eterna insatisfação que o leva ao consumo exagerado. Aliando a sua busca incansável por felicidade, para ele o importante é o “ter” e não o “ser”. Felicidade está ligada a quantidade de bens que uma pessoa possui, se está ou não bem-sucedida em sua carreira profissional e com isso se vive nesta busca desenfreada pelo poder de compra, que por sua vez também é massificado pela mídia, que cada vez mais induz a este consumismo e transmitindo a mensagem de que “você deve consumir mesmo que não esteja precisando”.

O consumismo atinge muitas áreas da sociedade. Os recursos da terra estão diminuindo, devido aos apelos comerciais, destruição de áreas verdes e aumento de prédios, indústrias, condomínios, prédios empresariais. O mau uso dos recursos naturais. Recentemente tivemos um caso onde parte de uma cidade foi destruída por rejeitos de minério de uma grande empresa, destruindo casas, famílias e também o meio ambiente.

O consumismo também leva as pessoas evitarem filhos, com a preocupação com as finanças e com o bem-estar pessoal, objetivos pessoais, as taxas de natalidade têm diminuído notavelmente.

O dinheiro compra tudo e as pessoas estão em busca dele a todo custo, para satisfazer seus desejos terrenos e consumistas, em uma sociedade onde o status se determina pelo que tem mais bens materiais, o apelo ao consumo gera uma eterna

insatisfação, da mesma forma como a tecnologia avança, os produtos adquiridos saem de moda, sendo produzido outro produto melhor, mais avançado e mais caro, começa novamente a busca pelo consumo, incessante e incansável por outro bem.

O consumismo fascina porque leva a uma sensação de bem-estar pessoal, segurança, felicidade, poder. Por isso muitos tem perdido valores pessoais na busca por recursos, trabalham mais do que uma carga horária normal, as vezes em vários empregos, estudantes estão mais preocupados com um curso que vai conceder mais dinheiro do que preocupado com uma vocação, pessoas estão se endividando porque o consumismo das oportunidades de crédito fácil para isso, muitos caem nessa armadilha, consumindo mais do que precisam.

### **3. CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS DA NEGATIVIDADE DA PÓS-MODERNIDADE**

O principal aspecto negativo que a teologia aponta está relacionada ao antropocentrismo, onde tentam fazer de tudo para retirar Deus da centralidade humana e colocar o próprio homem. Mas o que piora este cenário é que além do antropocentrismo, existe o aspecto do egocentrismo que está intrinsecamente ligado ao comportamento do homem pós-moderno, e estes aspectos juntos fazem com que este homem esteja completamente voltado aos seus próprios prazeres e se esquecendo completamente do que seja Divino.

A teologia faz suas considerações sobre o egocentrismo como algo negativo, devido aos próprios ensinamentos de Jesus Cristo, que em seus discursos procurava reprovar as ações egoístas, dando uma ênfase no olhar ao próximo. Mas o homem pós-moderno parece não considerar àquilo que disseram ou o que falam, pois não se interessam com as opiniões dos outros, devido ao seu *Ego inflado* e devido à sua perspectiva de vida estar voltada apenas o que lhe interessa.

O relativismo dentro da teologia é apontado como aspecto negativo quando se choca com a “verdade absoluta” das Escrituras Sagradas, já que dentro do relativismo não possui um conceito definido de verdade ou mentira, certo ou errado e porque não de santidade ou pecado.

E é essa visão que homem pós-moderno tem, já que sai relativizando tudo ao seu redor. E a teologia já possui estes conceitos todos bem definidos, baseados naquilo que consideram uma verdade imutável e inerrante que são as Escrituras Sagradas. Portanto é negativo quando o homem pós-moderno cria seus próprios pecados, com a seguinte justificativa: “O que é pecado para você, não é pecado para mim. Até porque, tudo é relativo”. E isso não é visto com bons olhos pela teologia, pois distorce tudo aquilo que para ela é considerado como algo concreto.

A pós-modernidade nos apresenta o que chamamos aqui de “ismos” e que determinamos como fator negativo entre eles destacou os apelos e anseios da

época, como o relativismo, consumismo, hedonismo, egoísmo, pluralismo e o pragmatismo, fazendo com que a igreja se adapte negativamente a cultura, deixando de ser uma igreja relevante que tem uma missão a cumprir, com seus valores, princípios e fundamentos sólidos que a sustentam. Segundo Leith Anderson, citado por Gene Edward em “Tempos pós-modernos” (1999, p.141) a igreja do século XXI está vivendo em uma guerra de culturas, uma era maior de idade diversidade, segmentação, polarização, divisão e até hostilidade. Neste tempo a igreja não vai enfrentar tantos problemas como, por exemplo, “métodos de batismo” como antigamente, mas questões sobre raça, dinheiro, aborto, homossexualidade e papel dos sexos.

A igreja corre o risco de viver uma subcultura e ficar invisível na cultura contemporânea. Vivemos uma era de relativismo moral e intelectual. Uma igreja que se conforma com a condição pós-moderna, e não se posiciona em favor de suas verdades, princípios e valores, pode acabar sendo influenciada por esta “guerra de culturas” que estamos vivendo. Um dos perigos que a igreja pode sofrer com a cultura atual é a rejeição a objetividade na pós modernidade. Edwards cita Leith Anderson (Ibid., p.205), dizendo que nossa geração está menos interessada em argumentos cerebrais, pensamento linear e sistemas teológicos, e o conceito de espiritualidade que antes dizia que se você tivesse ensino e a doutrina certa você teria experiência com Deus, hoje temos um novo paradigma contrário, que se você tiver a experiência com Deus terá a doutrina certa, ou seja, uma experiência subjetiva. A geração atual lida com mais facilidade em meio as contradições.

As pessoas são levadas a tomar sua “decisão por Cristo” como um compromisso que depende só da vontade humana, que entende religião e moralidade como opção e não como verdade de Deus.

Essa subjetividade leva ao perigo de se conformar a atrair os pós-modernistas, negligenciando a teologia para uma busca emocional fervorosa e exaltação da escolha humana, quando a verdade deixa de ser fator determinante para uma escolha, como um produto, a saber, se a igreja fala o que eu gosto, ou me dá o que quero, se me agrada, onde as pessoas estão acima da doutrina e a igreja aceita as pessoas de qualquer forma, abandonando sua autoridade moral, ajustando seus ensinamentos de acordo com as exigências do mercado.

Em lugar de uma pregação que conduz a convicção de pecados e a salvação por meio da Cruz, uma igreja conformada com a cultura prega uma mensagem para as pessoas se sentir bem, um bem-estar social ou cultura terapêutica. O enfoque da mensagem deixa de ser transcendental e eterno para o “aqui e agora”, para aquilo que se sente e que se toca. Alguns são atraídos por uma mensagem que promete milagres para resolver todos os problemas. Essa nova forma de pensar teologia tenta amaciar as arestas duras da ortodoxia bíblica e acomodar os valores e mentalidade da sociedade contemporânea. (Ibid., p.206-207).

#### 4. NÃO PODEMOS NOS CONFORMAR

É necessário que a igreja lute pela verdade absoluta, contrária ao relativismo cultural e subjetividade, tendo Deus e não a cultura como sendo o autor da existência, a origem e significado de toda verdade absoluta e valores transcendentais. Os cristãos devem entender que serão perseguidos e condenados por sua intolerância, por pensar que possuem a única verdade, enquanto os pós-modernistas clamam por tolerância e pluralismo, com isso os cristãos podem até provar uma nova perseguição, buscar fortalecer os remanescentes fieis. (Ibid, p.215-216). Na era pós-moderna um dos seus fundamentos é “ser contra fundamentos sólidos”. Edwards (Ibid., p.217) diz que há uma rejeição de todos os fundamentos antigos, há um desejo por desconstruir para erguer novo fundamento por cima dos entulhos. O moderno ficou obsoleto, a futilidade desse ciclo sem fim de desconstrução e reconstrução tornou-se evidente, um grande paradoxo da pós-modernidade talvez seja o desejo que seja possível edificar sem fundamentos.

Mas a igreja não pode se conformar, pois ela está estabelecida sobre fundamentos históricos e “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Cristo Jesus a pedra principal” deste fundamento, conforme diz Paulo nas Sagradas Escrituras no livro de Efésios 2:20 e na primeira carta aos Coríntios capítulo 3:10-11, “ninguém pode lançar outro fundamento no qual foi posto, que é Jesus Cristo”.

A igreja está estabelecida em fundamentos sólidos! No passado as pessoas discutiam sobre o que era certo e errado, hoje os conceitos de moralidade e verdade foram dispensados. Edwards (Ibid. P.220) lembra que o chamado da igreja é a não conformação com este mundo, como Paulo diz no livro de Romanos 12:2, e o padrão deste mundo é não ter fundamentos sólidos, mas o que deve determinar a igreja não é o padrão deste mundo, com isso deve ser excluído todo tipo de sincretismo, liberalismo e teologias pós-modernas, mas a igreja deve ter mentes transformadas e sustentar a verdade como uma coluna, mantendo seus fundamentos em seus ensinamentos e ações.

Hernandes Dias Lopes diz (2007, p.10-11) que estamos vendo florescer em nossa pátria uma igreja que não é protestante nem evangélica, não se parece com a igreja pentecostal histórica e nem pode ser chamada de neopentecostal. Segundo ele, a igreja está perdendo sua identidade.

Onde ele define que o lucro e não o evangelho é o vetor dessa igreja, a riqueza material e não a salvação é sua mensagem, o sucesso tem sido mais importante que a transformação de vidas das pessoas, ele se diz espantado com essa igreja-mercado, que se torna financeiramente opulenta, onde o ufanismo triunfalista está tomando conta de grande parte da igreja brasileira, que ele chama de “Narcisismo infantil”, que aplaude a si mesmo e sem espiritualidade.

Para Mcalister (2009, p.303) a igreja tem que se redescobrir, pois ela não sabe quem é, e se não sabe quem serve e o que Deus espera de nós, deixará de ser igreja, e a igreja que diz ser Igreja, mas não é, será desprezada pelas novas gerações que vão abandoná-las. Walter Mcalister escreveu um livro com o nome “O fim de uma era”, que é uma crítica a igreja brasileira e um chamado para reflexão do nosso tempo. Ainda na introdução do livro, segundo ele, estamos vivendo o fim de uma era, em que a igreja precisa se redescobrir, buscar entender sua identidade e sua missão.

A igreja está definhando, não talvez em tamanho, mas em seu testemunho. Nunca houve tantos que proclamam a luz, mas vivem como filhos das trevas.

John Stott em seu livro sobre “A missão cristã no mundo moderno” pontua os significados das palavras: Missão, Evangelismo, Diálogo, Salvação e Conversão. Para Stott (2010, p.131) missão é o serviço amoroso que Deus envia seu povo para realizar no mundo que inclui tanto evangelismo como ação social. Sendo evangelismo a proclamação fiel das boas novas, o diálogo é sua preliminar necessária e a salvação é o alvo, que é a liberdade pessoal por meio de Cristo e a conversão é a resposta que as boas novas exigem, sem a qual a salvação não pode ser recebida. Missão para Stott (2010, p.35-36) descreve tudo o que a igreja é enviada ao mundo para fazer, uma dupla vocação no mundo de ser sal e luz da terra. Para ele, a Grande Comissão amplia nossa missão de ser enviados ao mundo, como Jesus, para servir, amar ao próximo e fazer discípulos. Nosso próximo não é uma alma sem corpo, em que só a alma deve ser amada, nem um corpo sem alma, em que só o corpo deve ser cuidado, nem uma junção de corpo e alma separados da sociedade. Stott diz que Deus criou o homem com esta junção de corpo e alma em comunidade, portanto se amamos o próximo devemos nos interessar pelo seu bem-estar completo na sua alma, corpo e comunidade. A expressão natural do nosso amor é segundo ele: “Nós amamos. Nós vamos. Nós servimos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos este artigo chamando os leitores para uma reflexão profunda e equilibrada sobre o tema proposto. Buscamos conceituar a pós modernidade no viés filosófico, sociológico e religioso, com o propósito de analisar as mudanças que a sociedade vem sofrendo, as rupturas com a tradição, valores, princípios da nossa civilização humana que estão sendo relativizados ou desconstruídos com a intenção criar novos princípios, paradigmas e valores menos absolutos, criando um multiculturalismo e diversidade, pluralismo e sincretismo de ideias.

Com isso, analisamos toda essa desconstrução como influências negativas para a igreja brasileira do século XXI, ao atingir diretamente fundamentos, valores e princípios das Escrituras Sagradas, que cremos como inspiradas por Deus para

toda humanidade, inerrante, imutável e atemporal, chamamos a igreja para não se conformar com este tempo, se apoiar nas tradições e fundamentos estabelecidos por Deus Pai, ensinados através da encarnação do Deus Filho, e que hoje ainda age através do Espírito de Deus, sobre aqueles que foram chamados e escolhidos por Ele antes da fundação do mundo, para cumprir o bom propósito da Sua vontade.

Apoiamos-nos em valores celestiais, imutáveis e eternos e rejeitamos todo valor corrompido pelo homem na tentativa de estabelecer seus valores terrenos, mutáveis e efêmeros.

Finalizamos com um clamor a todos os que creem, permaneçam naquilo que vocês aprenderam na Sagrada Escritura, que nos conduz a Salvação, nos corrige, nos educa para a justiça, nos encoraja e nos capacita para fazer toda boa obra que o Pai estabeleceu para os seus filhos até a consumação de todas as coisas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar Da Pós-Modernidade**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTON, John. **O Cristão em um Sociedade de Consumo**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **A espiritualidade hoje: novo rosto, antigos caminhos**. In: **Teologia na Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CALDAS, Carlos. **Fundamentos da Teologia da Igreja**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007.

HARVEY, David. **Condições Pós-Modernas, 17.ed.** São Paulo: Edição Loyola, 2008.

IBGE. **SIDRA. Tabela 137**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/137#resultado>>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

LENZ CÉSAR, Elben M. **História da Evangelização do Brasil, 2.ed.** Viçosa: Editora Ultimato, 2000

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era Do Vazio. Ensaio Sobre O Individualismo Contemporâneo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1988

LOPES, Hernandes Dias. **Morte na Panela: Uma Ameaça Real a Igreja**. São Paulo: Hagnos, 2007.

LOPES, Paulo Sérgio; Trasferetti, José. **Teologia na Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1991.

MCALISTER, Walter. **O Fim de uma Era**. Rio De Janeiro: Anno Domini, 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo: Editora Paulinas, 1984.

SHOPENHAUER, Arthur. **A Arte De Insultar**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2003.

STOTT, John. **A Missão Cristã No Mundo Moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

VEITH Jr, Gene Edward. **Tempos Pós-Modernos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 1999.